

Emanuele Coccia*

A virada vegetal

1.

Durante séculos, elas foram sistematicamente ignoradas pelas ciências humanas e sociais. Há alguns anos, entretanto, todas e todos falam delas. As plantas passaram da negligência absoluta a uma espécie de culto coletivo que as transformou em novas heroínas do planeta. Esta transformação tem várias razões. Primeiramente, houve a emergência biológica. A gravidade da situação ecológica planetária e os riscos ligados à explosão demográfica já eram conhecidos no início dos anos 1970 – ao menos a partir da publicação do relatório do Clube de Roma sobre, *Os limites do crescimento* (D. H. Meadows, D. L., Meadows, Randers e Behrens, 1972). No entanto, é apenas meio século mais tarde que a opinião pública parece ter tomado consciência de maneira maciça do risco da perda de uma enorme porção da biodiversidade da Terra, ou do desaparecimento, sem mais, da vida no planeta. As plantas representam a parte predominante da biomassa visível: é, pois, evidente que, após séculos de ignorância voluntária e ativa, a atenção, os cuidados e o entusiasmo em relação a elas tenham crescido tão rapidamente.

Há, em seguida, uma razão mais profunda, uma verdadeira revolução interna na ciência

botânica: por muito tempo, esta ciência esteve paralisada por um sentimento de inferioridade em relação à zoologia, que sempre foi o canal pelo qual a ciência biológica propôs as questões mais importantes sobre o mundo vivo. Sempre pedimos aos cachorros, gatos, elefantes, crocodilos, pássaros etc., que nos revelassem os segredos dos corpos. Sempre pedimos aos animais para nos iniciar nos mistérios da vida e de suas formas. Durante séculos, a botânica se limitou à tarefa de examinar, revisar e classificar a infinita variedade das formas vegetais. Durante anos, tratava-se, acima de tudo, de uma ciência vegetal sistemática. Há algumas décadas, no entanto, as coisas mudaram. Há pelo menos cinquenta anos, graças a figuras pioneiras como Francis Hallé ou Patrick Blanc na França, Stefano Mancuso na Itália, Frantisek Baluska na Alemanha, Karl Niklas e Anthony Trewavas nos Estados Unidos (para citar apenas alguns), a botânica se desvencilhou de vez do domínio absoluto da zoologia sobre as ciências do mundo vivo, e nos liberou definitivamente do narcisismo que nos havia conduzido a fazer dos animais o paradigma da vida e da dignidade da vida. Estes pioneiros começaram a perguntar às plantas questões que jamais haviam sido perguntadas anteriormente e fizeram da botânica uma es-

pécie de metafísica da vida, capaz de fornecer uma alternativa a uma grande parte da tradição ocidental. O aspecto mais espetacular desta revolução é certamente aquele ligado ao reconhecimento da inteligência das plantas. Foi possível mostrar que uma planta é perfeitamente consciente do que se passa ao redor e dentro dela, e que, sem precisar de um sistema nervoso e de um cérebro, ela é dotada de memória e inteligência não menos refinadas que as dos animais.

Este tipo de observação permite-nos compreender em que medida o preconceito zoocêntrico nos impediu de afirmar a identidade entre vida e pensamento. É simplesmente porque pedimos a um animal (principalmente ao animal humano) que nos revelasse a natureza da inteligência, que nos inibimos de pensar na inteligência vegetal ou na inteligência bacteriana. É por causa do narcisismo animal que continuamos a

supor que somente a presença de um sistema nervoso garante a presença de inteligência. Se nós acreditamos que as neurociências vão nos revelar o segredo do pensamento e da consciência é, unicamente, porque somos obcecados pelos animais. Esta mudança de perspectiva não tem consequências apenas para a nossa relação com as plantas. A descoberta da inteligência e da consciência das plantas obriga-nos, acima de tudo, a imaginar de maneira diferente o pensamento e sua relação com o

corpo. Mais que considerá-lo como a consequência da presença de um sistema nervoso, deveríamos começar a encará-lo como uma das manifestações possíveis da inteligência anatômica dos seres vivos. O cérebro é apenas uma das soluções encontradas pelo design que todo ser vivo exerce sobre seu corpo para tornar possível a atividade de pensar. A inteligência não é uma faculdade acessória à vida: ela é a expressão mais imediata de sua fisiologia.

Há, entretanto, um outro aspecto – talvez mais profundo e importante – que levou a botânica a conquistar um lugar e um papel de destaque no jogo de xadrez dos conhecimentos contemporâneos sobre a vida e o meio ambiente. Desde o início do século passado – partindo das hipóteses de Mereschkowsky (1905) sobre a simbiogênese dos cloroplastos, passando pelas proposições de Ivan Wallin (1922a, 1922b) sobre a ori-

gem simbiótica das mitocôndrias e chegando às pesquisas de Lynn Margulis (1970) sobre a generalização do mecanismo simbiótico como motor fundador do processo evolutivo –, a biologia revisou profundamente a vulgata darwiniana, que havia feito da guerra, da competição e da luta de todos contra todos a forma transcendental de relação do organismo vivo. Descobriu-se que uma das maiores e mais avançadas invenções da vida no planeta, a construção da célula eucarionte, não se



* Filósofo, professor de la École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.

explica pela competição e pela seleção, mas somente por um processo de simbiose, de colaboração e de hibridação entre dois organismos autônomos que se fundem para formar um terceiro. Não é a hostilidade e a guerra que permitem à vida melhorar e mudar, mas a solidariedade. Esta é a ideia na base do *best-seller* que desencadeou a moda das árvores, *A vida secreta das árvores*, de Peter Wohlleben (2015). A tese de Wohlleben é mais ou menos a seguinte: para entender como viver em sociedade, basta olhar para uma floresta, pois este modelo de coabitação tem uma taxa de hostilidade muito menor do que toda a comunidade animal. Para além dos julgamentos trazidos no livro, trata-se de um gesto revolucionário: pela primeira vez, a floresta, que há séculos era tratada como o oposto da cidade, aquilo que existe fora do político – a palavra *forêt*¹ vem de *foris* – torna-se o modelo do político, até mesmo o político por excelência.

Após esta descoberta da natureza simbiótica da construção da vida no planeta, as plantas desempenham um papel epistemológico muito importante em relação ao paradigma da vida animal na medida em que podemos ver, observar e compreender esta forma não hostil de ser no mundo; não porque elas não conhecem a hostilidade, evidentemente, mas porque a hostilidade não pode jamais ser uma dinâmica fundadora e estrutural da vida vegetal, já que as plantas são organismos autótrofos - capazes de viver unicamente de luz, dióxido de carbono e água, sem precisar matar ou sacrificar ou se alimentar de outros seres vivos. Ou seja, a fonte de hostilidade mais evidente – a predação alimentar – não existe nas plantas. Mais que isto, a autotrofia das plantas faz delas organismos vivos que se definem, acima de tudo, por sua capacidade de dar vida a outros organismos vivos. Com as plantas, a biologia é obrigada a pensar a inter-relação de todos os seres vivos

de forma diferente da lógica do consumo e da entropia recíprocas. O milagre e o paradoxo (mesmo termodinâmico) das plantas é que elas mostram a capacidade da vida de se construir a partir de quase nada, daquilo que não vive, e de se multiplicar tão espontaneamente. Mas, sobretudo, as plantas mostram que cada ser vivo vive uma vida que anima indiferentemente seu próprio corpo e aquele de uma infinidade de outros indivíduos de outras espécies. Uma planta não apenas estoca em seu corpo a energia solar que permitirá aos animais viver, mas até mesmo os dejetos de sua existência (o oxigênio) permitem que outros vivam. Uma planta não é somente uma vida que adquiriu uma forma específica e diferente das outras, mas representa a vida como o poder de animar os mais diversos e mais distantes de sua própria forma, ou a impossibilidade de definir a vida simplesmente pela forma específica como ela vive. As plantas nos mostram que os seres vivos constroem e começam uma vida que nutrirá e avivará outros seres vivos além deles mesmos, que fará viver outros sujeitos. Para dizer um pouco mais radicalmente, cada pessoa viva constrói uma vida que fará viver outros, constrói um corpo que se tornará alimento de outros, o teatro da vida de outros. E esta passagem de vida – que é o alimento, o ato pelo qual o corpo de uma pessoa é trazido à vida ou à vida de outra espécie – é, graças às plantas, algo sublime. Quando comemos, afinal, buscamos e encontramos a luz do sol que as plantas insuflaram no corpo mineral de Gaia. O alimento não é nada além deste comércio de luz extraterrestre que se transmite de mão em mão, de espécie em espécie, de reino em reino, e que continua a iluminar o planeta, garantindo, dia após dia, a continuidade e a proximidade entre a Terra e o Sol. Ou, caso prefira: nas plantas, torna-se particularmente evidente que a vida é algo que vem sempre de um outro ser vivo para ir para um outro ser vivo.

2.

Contrariamente àquilo em que acreditamos e que repetimos durante séculos, cada conhecimento e cada ciência, em qualquer momento de seu desenvolvimento, em qualquer latitude geográfica e cultural, é uma forma de totemismo, no sentido que Lévi-Strauss deu a este termo. Como sabemos, Lévi-Strauss (1962) definiu o totemismo como a utilização de categorias que descrevem associações não-humanas intra ou interespecíficas para compreender, nomear e classificar formas de socialidade humana.

Mais amplamente, no sentido de conhecimentos retirados da observação de outras espécies para refletir sobre nossa vida, poderíamos dizer que é sempre ao observar o não-humano que o homem se compreendeu. E o contrário, sobretudo, é igualmente verdadeiro: é aplicando conceitos que descrevem a nossa vida que compreendemos a vida das espécies e das formas de vida diferentes da nossa. Deste ponto de vista, o totemismo e o antropomorfismo são dois processos idênticos: se descobrimos que uma parte de nossa vida é idêntica à dos não-humanos, podemos reconhecer traços de humanidade nestes últimos; inversamente, cada vez que atribuímos um traço de humanidade a uma planta ou a um animal, reconhecemos igualmente que há algo em nós que não tem uma natureza puramente humana. E estes dois processos são estruturalmente necessários: se cada espécie é definida como uma modificação mínima de uma espécie precedente, então todo o conhecimento de uma espécie particular é constitutivamente interespecífico. De certa forma, todo conhecimento é totêmico, pois não pode haver conhecimento que não seja retirado de outros seres vivos. E vice-versa: todo conhecimento sobre uma forma de vida particular é sempre um conhecimento sobre as outras formas de vida, pois cada forma de vida é sempre multiespecífica, uma colagem de várias espécies.

Só podemos ser totemistas: não podemos (mais) fingir acreditar que temos ideias e noções não influenciadas por nossa relação cotidiana com outras espécies. Além disso, todo discurso sobre a relação interespecífica entre os não-humanos inclui uma reflexão direta sobre a forma como pensamos as relações entre os humanos – e vice-versa. A ideia de uma separabilidade entre as formas humanas e as não-humanas de sociabilidade não é apenas um contrassenso, mas também algo que as ciências sociais e biológicas contradizem em suas práticas. A sociologia “humana” nasceu quando Auguste Comte tomou de Lamarck a noção de meio. Inversamente, toda ecologia é uma forma de sociologia que se aplica às plantas e aos animais, com ideias e conceitos inventados para pensar a socialidade humana. Há séculos, o modelo de reflexão a respeito das relações sociais é a caça, a predação. Darwin foi vítima disto. E uma grande parte da antropologia continuou a enobrecer esta forma de totemismo.

O que se passa agora é que mudamos repentinamente nosso guia para assuntos do mundo vivo: não mais os grandes predadores, mas as plantas. Passamos de um totemismo predador a um totemismo vegetal. Aliás, não apenas o guia deixou de ser o animal carnívoro e, pois, predador, para se tornar a planta. Agora, a relação fundamental que define a relação entre o humano e o não-humano não é mais a caça, o pastoreio ou a agricultura, mas uma certa forma de jardinagem.

Se as plantas se tornaram paradigmas, não é somente porque elas não são animais, mas porque elas encarnam uma forma de sociabilidade diferente daquela que tentamos estabelecer. A planta encarna uma forma de vida que é hoje politicamente mais importante que a do animal. Ou, se preferir, ela torna mais visível um aspecto da vida no planeta que o animal dissimula ou pressupõe sem fazer ver explicitamente – ao menos ativamente. Refiro-me ao fato de que a vida que cada um de nós constrói é sempre uma vida que será vivida por outros

1. N. do T.: *floresta*.

além daqueles que a vivem agora. As plantas encarnam este fato muito mais claramente: a vida ultrapassa sempre a forma, o corpo, a espécie que ela habita. Na verdade, o animal também encarna este aspecto, claro, pois não há vida que não expresse esta estrutura. Mas, no animal, esta dimensão é constituída pelo fato de ele ser o alimento de outros animais e define, então, um aspecto trágico, ou marcado pela negatividade. Deste ponto de vista, é preciso tomar cuidado para compreender que a “virada vegetal” (*plant turn*) não é um amor pelas plantas como tal. É, de um lado, a enésima expressão do amor que os seres vivos têm pelas outras formas de vida e, de outro, uma nova forma de totemismo cujos efeitos, talvez, só poderão ser medidos daqui alguns milênios.

Referências

- Lévi-Strauss, C. (1962). *Le totémisme aujourd'hui*. Paris: Plon.
- Margulis, L. (1970). *Origin of eukaryotic cells*. New Haven: Yale University Press.
- Meadows, D. H., Meadows, D. L., Randers, J. e Behrens, W. W. (1972). *The limits to growth: A report for the Club of Rome's project on the predicament of mankind*. Nova York: Universe Books.
- Mereschkowsky von, C. (1905). Über Natur und Ursprung der Chromatophoren im Pflanzenreiche. *Biologisches Centralblatt*, 25(18), 593–604.
- Wallin, I. E. (1922a). On the nature of mitochondria: 1. Observations on mitochondria staining methods applied to bacteria. 2. Reactions of bacteria to chemical treatment. *American Journal of Anatomy*, 30, 203-229.
- Wallin, I. E. (1922b). On the nature of mitochondria: 3. The demonstration of mitochondria by bacteriological methods. 4. A comparative study of the morphogenesis of root-nodule bacteria and chloroplasts. *American Journal of Anatomy*, 30, 451-471.
- Wohlleben, P. (2015). *Das geheime Leben der Bäume: Was sie fühlen, wie sie kommunizieren – die Entdeckung einer verborgenen Welt*. Munique: Ludwig Verlag.

Bruno Latour *

Desencarcerar os corpos? **

Pediram-me que resumisse em alguns minutos o aporte da antropologia e da filosofia às bases da psiquiatria. Esta palestra, eu receio, corre o risco de ser um embuste ou, no mínimo, um erro de *casting*, já que eu não sou nem filósofo profissional, nem antropólogo profissional e, evidentemente, não sou psiquiatra. Como muita gente, é principalmente do socorro da psiquiatria que eu precisaria neste momento...

Ao mesmo tempo, seria uma pena perder esta oportunidade de compartilhar com vocês a infelicidade em que, me parece, estamos mergulhados, já que sucumbimos todos sem poder, de fato, reagir ao que poderíamos chamar de uma sucessão de “golpes de DSM¹”, com centenas de novos diagnósticos para doenças que convém chamar de “doenças medicamentosas”, já que elas são criadas não para combater uma doença que *precederia* o medicamento, mas para dar *um nome de doença* aos efeitos pouco entendidos das substâncias colocadas em nosso organismo, um pouco ao sabor do acaso (Kirsch, 2011). Isto, novamente, manda para bem longe a noção de iatrogenia,

doenças que – no fim das contas, depois de longas estadias no hospital – são fortes e persistentes infecções que medicamentos à moda antiga geralmente conseguem tratar.

A seguir, vou me permitir empregar o *nós* para apelar à sua boa vontade e compartilhar, por alguns minutos, um pouco do seu fardo. A infelicidade que seu coletivo divide com tantos pacientes é tão exasperador que existe toda uma série de excelentes trabalhos bem documentados de antropólogos e de certos colegas seus que estão indignados, mas – infelizmente – impotentes a respeito desta situação inédita (Kirk e Kutchins, 1998; Whitacker, 2010; Estroff, 1998; Pignarre, 2001; Mol, 2003). Há algum tempo, no canal Arte, passou um filme excelente sobre essas questões. Filme de Anne Georget (2011), escrito por Mikkel Borch-Jacobsen.

Vou explorar esta situação com vocês a partir de uma minúscula área das ciências sociais que eu chamo de antropologia simétrica e que tem por objetivo estabelecer com outros coletivos relações que não sejam fundadas nem na noção de cultura, nem na de natureza.

* Professor emérito do Institut d'Études Politiques de Paris, Sciences Po.

** Transcrição de conferência ministrada durante a Jornada Filosofia e Psiquiatria da Associação Francesa de Psiquiatria, 11 de novembro de 2011. Publicação original: Latour, B. (2012). Désincarcérer les corps. *Psychiatrie Française*, 43(1-12), 23-37.

1. N. do E.: *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM, por suas siglas em inglês).